


## RESENHA

TRABANT, Jürgen. **A linguagem, objeto do conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas.** Trad. Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Marcio Alexandre Cruz. 1ª ed. – São Paulo: Parábola, 2020.

Natália Moraes Cardoso  0000-0003-3427-9743  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal do Pará  
natalia.cardoso@cameta.ufpa.br

*Recebido em 09 de maio de 2022*

*Aceito em 27 de agosto de 2022*

O autor de *A linguagem, objeto do conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas*, o alemão Jürgen Trabant, de 79 anos, é linguista e professor emérito da Universidade Livre de Berlim, onde lecionou romanística entre 1980 a 2008. Atuou ainda como professor visitante em diversas universidades, entre elas a Universidade de Stanford, a Escola de Altos Estudos em Ciências de Paris e a Universidade de Bolonha. Seu interesse científico encontra lugar nos estudos da Filosofia da linguagem, História do pensamento linguístico europeu, Semiótica, Antropologia histórica da linguagem, Política da linguagem europeia e Imagem e linguagem.

Como nota introdutória do livro, os tradutores esclarecem que essa versão em português que chega aos leitores brasileiros resulta da tradução do artigo *Constitution du langage en objet du savoir et traditions linguistiques*, originalmente publicado em francês pela revista *Histoire, Épistémologie, Langage*, em 2008.

Ademais da obra em apreciação, Trabant publicou os seguintes trabalhos: *Artikulationen. Historische Anthropologie der Sprache* (1998), *Was ist Sprache?* (2008), *Weltansichten: Wilhelm von Humboldts Sprachprojekt* (2012), *Globalesisch oder was?* (2014), *Wissenschaftssprache. Ein Plädoyer für Mehrsprachigkeit in der Wissenschaft* (2016), *Giambattista Vico - Poetische Charaktere* (2019). Em tais obras que ainda não contam com traduções para o português o autor se debruça a refletir, entre outras coisas, sobre a temática da linguagem humana.

Ainda que a maioria dos trabalhos do teórico não estejam traduzidos, tendo em vista a recente entrada em circulação no Brasil, podemos indicar três artigos do autor publicados em português nos últimos três anos, traduzidos do francês e do alemão: “O Curso em busca de autor” (2019), “Sobre a cor das palavras e das línguas” (2020) e “Viver com a máscara facial: murmúrio, murmúrio” (2020).

Publicado em 2020, o livro de oitenta e oito páginas e sete capítulos tem como objetivo apresentar uma reflexão, em forma de passeio histórico, de como nós seres humanos conseguimos identificar problemas linguísticos fazendo da fala nosso objeto de estudo. Ou seja, para o autor, são os problemas cognitivos os geradores do conhecimento linguístico humano. Por esse motivo, a obra destina-se a estudantes e interessados na linguagem e na condição humana.

Logo no primeiro capítulo sob o título “Saber falar: conhecimento complexo”, Trabant desenvolve uma reflexão que apresenta o falar como um conhecimento específico e particular que não se restringe à aquisição de conhecimentos e regras presentes na língua que utilizamos para falar essa mesma língua. Citando autores como Chomsky e Coseriu, o linguista constrói uma argumentação que, ao mesmo tempo que equipara o ato de falar a um objeto de conhecimento, também problematiza sua diferença em relação a outros possíveis objetos de conhecimento. Entre esses outros objetos de conhecimento, segundo o autor, estão: os peixes, as árvores, as montanhas, as estrelas e até mesmo as batalhas, as esculturas e as fundações de impérios, por exemplo, o que pode em sua concepção constituir a dificuldade de “[...] elevar um objeto cognitivo à condição de um ‘conhecimento sobre si mesmo’” (TRABANT, 2020, p. 23). Por essa razão, o pensador alemão sustenta a impossibilidade de se responder satisfatoriamente a tal problematização.

O segundo capítulo chama-se “Como a linguagem se torna objeto de conhecimento?” e traz uma reflexão sobre a possibilidade de se estabelecer as razões pelas quais o conhecimento da atividade linguística se constitui como objeto de conhecimento. Entre outros questionamentos, o autor se propõe a contestar a obviedade que pode advir da resposta à pergunta: por que refletimos sobre a linguagem? Trabant diz que respostas como “[...] refletimos sobre a linguagem porque o ser humano é aquele que reflete sobre o mundo, que deseja conhecer tudo e que, portanto, também se debruça sobre a linguagem” (TRABANT, 2020, p. 25) são muito vagas e não satisfazem. Como exemplo disso, o autor observa que o ser humano não reflete sobre

tudo o que o rodeia, “[...] não há uma ciência da atividade de caminhar nem uma ciência do tricô” (TRABANT, 2020, p. 26), por exemplo. Por meio dessa e outras exemplificações, o teórico, de forma certa, nos convida a adentrar nos conhecimentos sobre a linguagem para entender de onde advém nossa “curiosidade linguística”, temática sobre a qual se dedica no restante do capítulo.

No capítulo intitulado “A linguagem, a comunicação e os problemas comunicativos”, Trabant traz alguns exemplos que apresentam os problemas comunicativos como os mais importantes para a geração do conhecimento linguístico. Um exemplo que o autor utiliza é o relacionado aos estudos lexicais, pois, segundo o linguista “[...] a comunicação é comprometida quando nosso interlocutor não conhece nem compreende a forma linguística que utilizamos. Então lhe explicamos: - eu comprei um carro. – carro?” (TRABANT, 2020, p. 31-32). Ou seja, para o autor os chamados “[...] problemas comunicativos produzem meios didáticos que desempenham certamente o principal papel na geração do conhecimento linguístico” (TRABANT, 2020, p. 34).

O exemplo utilizado por Trabant sobre os problemas comunicativos advindos do léxico das línguas, nos faz relacionar suas ideias com proposições encontradas na obra *A linguagem como trabalho e como mercado: uma teoria da produção e da alienação linguísticas*, do semiótico Rossi-Landi (1921-1985). Na obra em questão, o italiano nos apresenta uma densa reflexão apoiada no materialismo histórico que considera a linguagem fruto do trabalho humano. Para Rossi-Landi (1985), “as palavras, enquanto unidades da língua, são produtos do trabalho linguístico; servimo-nos de tais produtos como materiais e instrumentos no decorrer de um trabalho linguístico ulterior [...]” (ROSSI-LANDI, 1985, p. 63). Nesse sentido, pensar problemas comunicativos implica também pensar no valor que as palavras foram adquirindo ao longo do tempo como empreendimento de uma determinada sociedade.

No quarto capítulo, que traz como título “A linguagem, o pensamento e os problemas cognitivos”, o linguista alemão, muito sabiamente, apresenta a metáfora do “eclipse linguístico” para explicar que não há transparência na relação entre linguagem e pensamento. Com o fim de aprofundar sua argumentação, Trabant se volta às reflexões empreendidas por Platão e Aristóteles, os quais primeiro se propuseram a examinar essa questão como problema. Ademais dos dois filósofos, anteriormente, citados por Trabant, o austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), que lemos por intermédio de Rossi-Landi (1985), já em sua segunda fase, aborda a relação de não-opacidade entre linguagem e pensamento. Wittgenstein nos mostra por meio dos “jogos de linguagem” que o contexto tem papel preponderante para as possibilidades de significação provenientes de uma palavra ou enunciado, por exemplo.

Com o intuito de aprofundar sua percepção acerca do problema gerador do conhecimento linguístico, no capítulo cinco intitulado “Os problemas comunicativos e as tradições linguísticas”. O pensador alemão apresenta reflexões acerca de como o conhecimento linguístico por tempos foi considerado um conhecimento de cunho prático ligado exclusivamente à comunicação. Trabant argumenta que “[...] não se fornecem as razões pelas quais o que se descreve é como é. Diz-se simplesmente: ‘em francês, se diz: ‘J’aime (eu amo)/ tu aimes (você ama)’...” (TRABANT, 2020, p.43).

Ainda nesse tópico, o autor aborda a relação entre as tradições linguísticas e o conhecimento escolar. Segundo ele, essa relação construída ao longo do tempo foi enquadrando o conhecimento linguístico “[...] como situado num nível inferior em relação ao conhecimento adequado” (TRABANT, 2020, p. 44). Ou seja, o autor problematiza como o conhecimento linguístico não era considerado um conhecimento científico, pois havia apenas a transmissão de regras sem necessidades de explicações mais apuradas dos usos, assim como explicitado anteriormente sobre a conjugação do verbo amar em francês.

No capítulo seis, que tem como título “Os problemas cognitivos: a Europa e a América”, Trabant traça um perfil de como dois grandes acontecimentos históricos situados na Europa estão na origem da geração de conhecimentos linguísticos. Trata-se das teorias linguísticas e das descrições sincrônicas das línguas. De acordo com o estudioso, “[...] são dois acontecimentos ligados a uma experiência da diversidade linguística [...] o primeiro é a perda da catolicidade (universalidade) do latim [...] já o segundo é a descoberta das línguas do ‘Novo mundo’” (TRABANT, 2020, p. 49).

Discorrendo sobre cada um desses dois acontecimentos, o teórico diz que na Europa ocorreu um progressivo declínio no uso do latim em favor das chamadas línguas vulgares, que passaram a ocupar diversos espaços na vida social que antes eram ocupados pelo latim. Trabant discorre sobre essa problemática apresentando os posicionamentos de dois grupos: os vulgaristas e os latinistas, os quais, cada um a seu modo, defendem posicionamentos diferentes sobre a questão.

Acerca do segundo acontecimento que se relaciona ao contato “[...] da Europa com os povos extraeuropeus e suas línguas” (TRABANT, 2020, p. 62), o autor afirma que esse “encontro”, promovido de forma desrespeitosa e dramática, tentou resolver o problema das diferenças linguísticas impondo uma língua a uma população que já tinha sua língua, fruto de sua experiência em sociedade. Nesse sentido, o autor salienta que foi esse contato entre as línguas, que demonstrava reais diferenças e empecilhos à comunicação, que possibilitou a “[...] Wilhelm von Humboldt esboçar a criação de um conjunto de conhecimentos científicos e especulativos sobre as línguas do mundo” (TRABANT, 2020, p. 65).

O último capítulo, intitulado “Duas linguísticas: da unidade e da diversidade das línguas”, traz a expansão da reflexão iniciada no capítulo precedente, pois diz que a experiência de contato da Europa com a alteridade americana propiciou duas reações científicas distintas, a saber: “[...] a perda da língua católica e a ascensão das línguas nacionais” (TRABANT, 2020, p. 68). Para falar dessas reações, o teórico amplia sua discussão e analisa, além do caso americano, como esse processo se deu também na Índia. Trabant ressalta que “O que se busca é saber por que as coisas são como elas são, por que as línguas são como são e por que se encontram no ponto onde se encontram” (TRABANT, 2020, p. 70).

Concomitante a essa discussão, o autor apresenta uma seção dentro do capítulo que aborda as duas faces da ciência da linguagem. Ou seja, ele fala da linguística da unidade e da linguística da diversidade. Neste tópico, encontramos o investimento de Trabant em problematizar as nuances que levaram à aceitação acrítica, por anos, do paradigma da universalidade da língua. Interessante notar também que, ao mesmo

tempo em que fala dessa universalidade requerida, ele também demonstra as formas de resistência que foram sendo construídas contra esse paradigma colonizador da língua.

Em suas considerações finais, o linguista alemão retoma sua tese em favor de que é apenas por meio da linguagem que podemos, enquanto seres sociais, produzir conhecimento sobre a própria linguagem, fato este o que nos torna humanos.

Por todo o trajeto que percorremos na explanação desta obra, cabe destacar a relevância que traz para os estudos da linguagem, pois, além da linguagem acessível com que os conceitos são abordados, o autor, ao intercambiar fatos históricos e sua relação com a linguagem humana, nos oferece bem mais que respostas, nos instiga a pensar metalinguisticamente. Este fato torna a obra de Jürgen Trabant relevante para a ampliação do debate sobre a linguagem como objeto de conhecimento humano.

### Referência

ROSSI-LANDI, Ferruccio. **A linguagem como trabalho e como mercado**: uma teoria da produção e da alienação linguísticas. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Difel, 1985.